

Leonardo de Miranda Ramos

**CORPOS QUE SE CONSTROEM: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE
TATUAGEM EM FLORIANÓPOLIS**

Florianópolis
2017

Leonardo de Miranda Ramos

**CORPOS QUE SE CONSTROEM: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE
TATUAGEM EM FLORIANÓPOLIS**

TCC submetido ao Programa de Antropologia Social da
Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau
de Bacharel em Antropologia.
Orientador: Prof. Dr. Alberto Groisman

Florianópolis
2017

RESUMO

Essa pesquisa foi realizada sobre práticas de tatuagem em Florianópolis, Santa Catarina. Apresenta uma descrição e uma análise de práticas de tatuagem e da literatura antropológica a respeito de temas que trazem luz a reflexão deste assunto. O princípio orientador teórico-metodológico da pesquisa é o desenvolvido por diversos autores como “embodiment”. Verificou-se que os praticantes não consideram que existe uma identidade de grupo que necessariamente une essas pessoas. Cada pessoa constrói para si uma experiência do que é a tatuagem. Partindo dessas percepções o trabalho desenvolve sobre as noções de “corpo” na Antropologia.

PALAVRAS CHAVE: Corpo; Tatuagem; Modificação Corporal; Embodiment

ABSTRACT

This research was carried out about tattoo practices in Florianópolis. It presents a description and an analysis of tattoo practices, and of anthropological literature on the subject. The orienting theoretical-methodological principle of the research is the one developed by a number of authors as "embodiment". It was found that practitioners do not consider that there is a group identity that necessarily unites these people. Each one of them constructs their own experience of what is tattooing. Based on those matters, this work develops on the notion of “body” in Anthropology .

KEY-WORDS: Body; Embodiment; Tattoo; Body Modification

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai. Meu suporte e apoio durante todos esses anos.

Em seguida, agradeço às pessoas que encontrei na UFSC todos os dias e que fazem deste espaço o que ele é.

Sou especialmente grato ao meu professor orientador Alberto Groisman, que me guiou durante este processo, sempre compreensivo, caloroso e receptivo às minhas ideias e inquietações.

Agradeço muito todas as pessoas que aceitaram conversar comigo e me responderam as mais variadas perguntas com paciência e atenção. Todas ou quase todas mencionadas neste trabalho.

Agradeço a todos os meus professores com muito carinho, especialmente Professora Ilka Boaventura Leite, a Professora Miriam Pillar Grossi, a Professora Maria Eugênia Domingues, Professora Vânia Zikán Cardoso e todos os outros professores e funcionários do departamento de Antropologia.

Agradeço a todos os meus colegas da graduação que me apoiaram e estimularam a continuar o trabalho.

Agradeço por fim ao meu marido, que leu e releu, revisou, me apoiou e acalmou durante o processo de escrita.

INTRODUÇÃO: OS ENTORNOS DA PESQUISA	12
OS CONTORNOS DA TATUAGEM	17
O ESTIGMA DA TATUAGEM	17
ESTIGMA E NORMALIDADE	19
EXPERIÊNCIAS HETEROGÊNEAS	21
AGENCIAMENTOS E CORPOS TATUADOS	21
PREENCHENDO CONTORNOS	23
OS CORPOS TATUADOS	23
A ESCOLHA DE UM TATUADOR	27
TATUAR UM “OUTRO” CORPO	30
A MODIFICAÇÃO CORPORAL	31
SOMBREAMENTO E PROFUNDIDADE	34
ENTRE OLHARES ESTRANGEIROS	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
BIBLIOGRAFIA	43

INTRODUÇÃO: OS ENTORNOS DA PESQUISA

Este trabalho é voltado para as práticas de tatuagem e escarificação na região leste da Ilha de Florianópolis. Os bairros em que a pesquisa foi realizada foram: Centro; Lagoa da Conceição; Rio Vermelho; Campeche e Costa da Lagoa. Lugares onde as práticas de tatuagem são difundidas por várias camadas sociais, de gênero e agregados sociais diversos (Latour, 2012.p.51-52). É comum encontrar pessoas tatuadas, ou com alargadores, ou com algum tipo de piercing nas ruas de Florianópolis. O trabalho de pesquisa de literatura e de campo começou no ano de 2014, no primeiro semestre do curso de graduação em Antropologia, quando colhi o primeiro relato de campo utilizado na pesquisa. Devido ao meu grande interesse e experiência com a modificação corporal há mais de dez anos sendo tatuado, selecionei a pesquisa: entender se há um grupo definido de pessoas que se tatuam, e se não há, o que os une. A pesquisa toma seu rumo a partir de pesquisas em campo, do curso da graduação em antropologia e de conversas tanto com participantes da pesquisa como colegas, amigas e amigos, professoras e professores, essenciais para o trabalho.

Para isso narrarei experiências e descreverei os procedimentos realizados em sessões de tatuagem e escarificação com o a intenção de colocar tais práticas num enfoque subjetivo e analisá-las em suas especificidades.

Como escreve Latour em Reagregando o Social (2012,p.51-52)

A primeira fonte de incerteza com a qual devemos aprender é que não há grupo relevante ao qual possa ser atribuído o poder de compor agregados sociais, e não há componente estabelecido a ser utilizado como ponto de partida incontroverso

Existem, no entanto, processos referentes a construção de identidades sociais e pessoais (Goffman, 1978), auto referenciados, e de certa forma, que são únicos e produtores de sentido do que é a tatuagem. Entre os participantes da pesquisa, existe um reconhecimento da heterogeneidade de experiências das práticas de tatuagem. Esses processos são construídos na relação com o tatuador,

com outras pessoas tatuadas e não tatuadas. Também uma noção de personagem que é vista pelos outros, aparece como aspecto marcante de algumas conversas, principalmente quando falamos sobre quais tatuagens causavam mais ou menos impacto, e quais eram os melhores locais do corpo para tatuar.

Para descrever tais processos lancei mão de conversas e entrevistas. Pesquisei em redes sociais. Fui a uma Convenção de Tatuagem e estúdios, assim como visitei e recebi em minha casa, pessoas que realizam esses procedimentos em ambientes domésticos. A escolha variada de métodos se mostrou necessária devido à diversidade de pontos de vista e experiências dessas pessoas sobre o que é tatuar-se. Não existe um “grupo” definido de pessoas modificadas, considerando o que foi conversado em campo, mas sim uma heterogeneidade de experiências que são compartilhadas. Não existe realmente um grupo ou comunidade uníssona entre as pessoas que realizam tatuagens, mas uma série de agenciamentos e de circuitos que compõem relações com a prática da tatuagem e as relações que se produzem a partir delas de formas diferenciadas entre si.

A maior parte das pessoas que participou desta pesquisa considerou seu corpo modificado e também considera que exista um senso de comunidade entre pessoas que compartilham desse interesse de “modificar-se” mas que são pontos de vista e motivações muito diferentes entre si. Os praticantes reconhecem a grande variedade de praticantes e admiradores das práticas. Pertencem a diferentes contextos sociais, e a modificação se torna aí um ponto de encontro, um ponto de acesso ao outro, e uma forma de proteção e integração como veremos nos relatos adiante. As práticas funcionam como um mediador de novas relações e agregados sociais que vão além dessas diferenças iniciais.

Para pensar essas relações e contextos de pessoas que se tatuam, busquei no debate que desenvolve Goffman (1978) sobre identidades. A análise de Goffman foi feita a partir da “presença física” e na visualidade dos corpos das pessoas, em sua aparência/na maneira como interagem publicamente.

Os processos descritos nesse trabalho são uma composição de tudo (ou grande parte) do que envolve o momento de marcação da pele: as técnicas de produção e esterilização dos equipamentos, higiene do ambiente, design e técnica do desenho, um certo entendimento do funcionamento da biologia do corpo,

(reconhecimento de processos de inflamação ou alergia aos materiais), uma certa noção de locais por onde passam terminações nervosas (perfurações; *piercings*), entendimento sobre a composição dos materiais e funcionamento elétrico da máquina.

Procedimentos desse tipo são geralmente compostos por no mínimo um tatuador, ou especialista da prática, e uma pessoa que terá sua pele marcada. Devem acontecer em locais onde exista energia elétrica para que se conecte a máquina de tatuar e água corrente para a higienização de materiais, não estritamente necessária, mas importante para a limpeza de pigmentos da agulha quando se fazem tatuagens de múltiplas cores.

O marco de início dessa reflexão, é Marcel Mauss em seu ensaio sobre as Técnicas Corporais (MAUSS 1974) segundo o qual cada cultura modela ou produz de sua própria maneira um corpo humano. A “dimensão cultural” se inscreve nas práticas corporais e modela esse que é considerado o mais “natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui” [nas sociedades ocidentais judaico cristãs]. Também trabalhei com o que Bourdieu (1977:124) desenvolve pelo conceito de habitus como: um sistema de disposições duráveis, um princípio “inconsciente” que é coletivamente incorporado para a “geração e estruturação de práticas e representações”. Segundo Bourdieu (1977:124) , ele seria o princípio gerador e unificador de todas as práticas, o sistema das estruturas (cognitiva e avaliativa) que organizam a visão de mundo de acordo com as estruturas objetivas de um determinado estado do mundo social: esse princípio é o corpo socialmente informado (apud Csordas, 2002:109).

Pierre Bourdieu (1977) tratou o corpo socializado como o depósito de uma capacidade gerativa e criativa por meio de disposições incorporadas e transformadas (habitus) em posturas corporais que são caminho para compreender as maneiras que a pessoa se socializa. O corpo então não pode ser tomado como um objeto. Sua imagem é o conceito e a vivência que se constrói sobre o esquema corporal, trazendo consigo o mundo das significações. Na imagem estão presentes os afetos, os valores e a história pessoal e suas relações, marcadas nos gestos, no olhar, no corpo em movimento e em repouso.

Um livro que foi muito relevante no desenvolvimento foi “Modificação corporal no Brasil” de Thiago Soares (2015), no livro, o autor segue essa linha em que o corpo é algo produzido, assim como a cultura, e dessa perspectiva ele vai variar de acordo com o contexto em que ele está incluído, aceitando-o ou negando-o. A questão é falar sobre o espaço de novos modelos de corporalidade na nossa sociedade .

Normalmente em uma sessão, dependendo do tipo de desenho, o tatuador começa fazendo os traços da tatuagem, usando um pigmento escuro e agulha mais grossa para fazer os contornos (e entornos) da tatuagem. Depois preenche com cores esses contornos, faz o preenchimento. Por fim faz os sombreamentos do desenho dando “profundidade” a ele. Os títulos dos capítulos são referentes ao próprio procedimento da tatuagem. E dessa forma, apresentar a tatuagem através de uma suposta ordem em que é realizada.

UM CORPO MARCADO

Apresento aqui um relato de uma experiência pessoal minha, por volta do ano de 2004. Através do relato de minha experiência afirmo que questões relevantes sobre a modificação corporal estão permeadas dessas trajetórias pessoais e específicas que produzem uma noção única do que é a tatuagem. O seguinte relato busca fazer uma apresentação de certos aspectos no que dizem respeito aos contornos das práticas de tatuagem. Também são relevantes ao marcar a relação do pesquisador com o assunto.

“Quando se falava em tatuagem na minha família, meus familiares falavam sempre em arrependimento, em pele que envelhecia, em cores e desenhos que desbotam e perdiam a forma ao longo dos anos, que acabariam parecendo hematomas. Nunca realmente me importei com essas coisas, na verdade, em minha experiência pessoal os desenhos em si tem muito pouco sentido. O que me marcou de fato foram as aventuras e experiências para fazê-las.

Por exemplo, minha primeira tatuagem aconteceu no mesmo dia em que meu segundo irmão por parte de pai nasceu. Foi a primeira vez que marquei meu corpo de forma “permanente”. Até então só havia furado as orelhas, e na época eu usava cerca de nove brincos em cada uma. Meus tios se divertiam ao dizer que a tatuagem

que eu tinha ia ficar parecendo uma “morcega”, falavam que meu pai devia lixá-la de minha pele e demonstravam estar realmente desgostosos com minha decisão.

Nunca esquecerei do dia em que fiz minha primeira tatuagem.. Estávamos em janeiro e o calor na avenida central da cidade de Chapecó era intenso, o sol ofuscava os olhos e deixava a paisagem com aquela tonalidade amarelada das tardes de verão. Eu tinha o hábito de perambular pelas poucas livrarias do centro da cidade durante as tardes em que passava férias na casa de minha avó, uma senhora portuguesa muito carinhosa. As poucas livrarias existentes ficavam muito próximas umas das outras, assim como o resto do centro da cidade, o que abrigava o primeiro estúdio no qual entrei para me tatuar. Era uma portinha, que dava para uma escada escura. Entre a loja de roupas Shanadu e sua fachada cor-de-rosa e imensa, e a Boutique Importados, da qual minha avó era cliente. Estava lá a portinha que dava para uma escada escura e uma placa onde se lia “tattoo”. A portinha era a entrada para um prédio também muito escuro, subi o que me pareceram uns quatro andares pelas escadas, seguindo as flechas que indicavam o estúdio.

Saí das escadarias escuras para uma pequena sala comercial que tinha um aspecto de antiga, com mobília reduzida e iluminação de lâmpada incandescente. Dividindo a sala no meio, uma parede de dry-wall branca. A mesa da recepção era uma mesa de escritório dessas com pé de ferro preto e tampo branco, uma cadeira de plástico acomodava a recepcionista que também era a responsável pelas perfurações do estúdio. Havia duas fileiras de cadeiras de espera, uma de frente para a outra, encostadas na parede e entre elas uma mesinha de centro acomodava as pastas pretas com desenhos de referências e ideias para tatuagens, o portfólio do tatuador e da perfuradora. Consegui fazer minha tatuagem mesmo sendo menor de idade. Dei um sinal de 30 reais, e voltei na hora seguinte para fazer minha tatuagem na canela da perna direita. Escolhida rapidamente olhando uma revista.

Era muito fácil burlar o sistema de autorizações parentais que os profissionais pediam e com o passar dos anos ouvi falar de familiares e amigos que as complicações com pais e responsáveis por menores de idade que faziam tatuagens sem que soubessem aumentaram, lembro-me dos cochichos nos corredores da escola falando sobre tatuadores sendo processados e de pais muito incomodados.

Eu fiz a minha primeira tatuagem sem a autorização de um responsável. E a segunda, e a terceira e as que seguiram até a maioridade.

No momento em que eu entrei na sala do outro lado do drywall, eu estava impressionado com o maquinário do lugar. Ali era onde ficavam as autoclaves, uma maca e alguns armários cheios de pinças e agulhas, era surpreendentemente iluminada, tinha uma janela ampla e luz fosforescente branca. Lembro que podia ver os telhados do centro da cidade dali; todos acinzentados e sujos rebatendo o sol forte e o calor, o que dava as telhas de brasilite um aspecto retorcido ondulante. Sobre uma bandeja de metal, parecida com a de hospital, forrada de papel filme transparente estava a primeira máquina elétrica de tatuagem que eu vi.”

UMA ETNOGRAFIA EM “CASA” E NO “CORPO”

Usando o exemplo que Marilyn Strathern dá em *Os Limites da Auto Antropologia*, de *O Efeito Etnográfico* (2014), estaria o cigano que estuda os ciganos realmente em casa? Essa foi uma pergunta que me fiz muitas vezes em campo, quando deparado com as múltiplas possibilidades daqueles corpos que eram considerados modificados, ou “mais modificados do que o normal”. As bases sobre as quais a familiaridade e a distância se assentam são cambiantes. Segundo a autora, a auto-antropologia tem sim uma distribuição limitada (STRATHERN, 2014), mas acima de tudo, o seu resultado final deve demonstrar uma continuidade entre o que seu trabalho produz e o que as pessoas estudadas produzem em seus relatos sobre elas mesmas.

A autora ainda menciona duas possibilidades de entendimento desse tipo de abordagem. A primeira, de que, por se estar em casa o pesquisador não precisa transpor barreiras linguísticas e culturais, esse conhecimento poderá parecer extremamente promissor, mas também pode ser trivializador dessas práticas. De qualquer forma o acesso a ser obtido por alguém “de dentro” amplia o que as pessoas sabem sobre elas mesmas, ou o que pode ser aprendido a respeito da sociedade como um todo.

Outra das possibilidades de entendimento é de que o projeto antropológico se revelará de forma a tornar complexo o lugar comum e que suas sistematizações não

só revelam nada além do que todos já sabiam, como equivalem a um conjunto de mistificações desnecessárias. Essa contradição, segue a autora, deve ser levada em conta no momento de se perceber que a implicação geral da antropologia feita em casa é um projeto que busca maior reflexividade.

A questão é de que “nos tornamos mais conscientes de nós mesmos quando convertidos em objetos de estudo” (STRATHERN, 2014), ao aprendermos sobre a nossa própria sociedade tanto quanto sobre nós mesmos enquanto realizamos nosso estudo. Assim nos é permitida a possibilidade de desenvolver um senso crítico sobre a forma e o conteúdo do discurso etnográfico, sobre a ideia de construção do “outro” do que poderíamos chamar de antropologia tradicional e uma ampliação da nossa consciência crítica. E assim entender se um texto/relato antropológico devolve ou não para as pessoas as concepções que elas têm sobre si mesmas. Afirmo Strathern:

Precisamos ter alguma ideia da atividade produtiva que está por trás do que as pessoas dizem, e portanto da própria relação entre elas e o que foi dito. Sem saber como suas próprias palavras lhe 'pertencem', não podemos saber o que estamos fazendo ao nos apropriar delas. (2014:p. 137)

A pesquisa desenvolvida neste trabalho é sobre corpos de pessoas que são produzidos por outros e que produzem entre si percepções individuais do que é a prática da tatuagem. É preciso então pensar o corpo do pesquisador fazendo essa pesquisa. Pois como os corpos de que essa pesquisa se presta a pesquisar, o corpo daquele que pesquisa também é construído pela intervenção de outros corpos, produz e é produto de sentidos específicos e derivados de seu contexto. Eu sou uma pessoa com os braços e face tatuada, possuo alargadores que são considerados muito maiores do que o aceitável e portanto vivi várias experiências que se assemelham muito aos relatos e as experiências das pessoas com que pesquisei. Estimulado pelo conceito de embodiment, não somente pensei minhas experiências de modificação corporal anteriores a pesquisa mas me submeti a novos procedimentos durante a mesma como forma de me colocar em campo. De colocar meu corpo em jogo quando pesquisando corpos de outros.

Segundo Anna Waldstein (2016), “embodiment” ou a corporificação como uma técnica de pesquisa etnográfica subjetifica e intersubjetifica o corpo e possui implicações fenomenológicas, teóricas e teológicas. A habilidade do etnógrafo de viver uma experiência de entendimento com o outro depende fortemente de rituais do corpo e das tecnologias do “eu”. Reconhecer a corporeidade do nosso “ser no mundo” é descobrir um lugar-comum, onde o “eu” e o “outro” são um, pois ao usar seu corpo da mesma forma que outros, em um mesmo ambiente, é possível compartilhar de um entendimento que se encontra calcado no campo das atividades práticas e, portanto consoante com a experiência daqueles com os quais viveu. (WALDSTEIN, Anna 2016)

A autora defende um engajamento criativo e intersubjetivo entre participantes da pesquisa. Um convite ao etnógrafo de que tome conhecimento do papel que seu próprio corpo desempenha no andamento da pesquisa, formas de pensar as notas de campo informadas ao corpo do pesquisador.

While anthropologists may recognise the significance of embodiment in the people they study, they may ignore or downplay their own bodies in the course of their research. [...] To recognize the embodied character of our being-in-the-world is to discover a common ground [...], for by using one's body in the same way as others in the same environment, one finds oneself informed by an understanding that... remains grounded in a field of practical activity and thereby remains consonant with the experience of those among whom one has lived. (WALDSTEIN, 2016 p.80)

O corpo é então um ponto de partida altamente produtivo para analisar a cultura e o sujeito (CSORDAS, 2002:145). Através de uma análise da percepção “pré-objetiva” e das práticas fundadas no corpo e sua experiência, Csordas propõe o conceito de corporeidade (*embodiment*); apresenta esse conceito como uma abordagem metodológica de releitura crítica do material já produzido na área, e proposição de novas questões sobre o tema do corpo. Tal abordagem metodológica da corporeidade parte da premissa de que o corpo não é um “objeto” a ser estudado em relação à cultura, mas como fazem desta a base para sua existência como produtor de sentido. O paradigma da corporeidade busca trazer a colapso uma

OS CONTORNOS DA TATUAGEM

O ESTIGMA DA TATUAGEM

Segundo Goffman (1977) a identidade social de uma pessoa é composta de atributos que podem ser identificáveis nas relações sociais, aspectos estéticos de como a pessoa se apresenta. A identidade social é mediada também por um devir de como essa pessoa deveria ser em contraste com o que realmente representa e atinge dessas configurações e atributos no sentido de sua identidade pessoal ou auto-referência¹. Essa incompatibilidade resultaria no que Goffman define como estigma.

Desde o começo da difusão das práticas de marcação da pele nos meios ocidentalizados judaico-cristãos, a tatuagem alocava-se entre populações que de alguma forma estavam nesse espectro da diferença, de serem outros. Por serem povos não ocidentalizados colonizados nas ilhas do pacífico e portanto exóticos, por estarem nas peles de marinheiros e prostitutas, por terem sido relacionados aos sistemas prisionais, por terem sido usados nos campos de concentração. A tatuagem vem carregada de contornos cheios de contraste e intensidade. (PEREZ, 2003)

Os movimentos *punk*, *rock*, *heavy metal*, característicos por sua intensidade, e caráter contestatório buscaram contrapontos dessa normalidade ao escolher tatuar-se. Partilham de um sentido de tatuagem como um descritivo de “marginalidade”. Estariam junto dos que Goffman define como os que estão engajados em uma espécie de negação coletiva da ordem social (1978, p.154-155) quando buscam esses contrapontos. Seriam as prostitutas, os delinquentes, os criminosos, os boêmios, os ciganos, os vagabundos, os gigolôs, os artistas de show, os homossexuais etc... Por conta de determinados movimentos de depois da metade do século passado a tatuagem também floresce como forma de protesto social. Nesse sentido, a alteridade produzida pelos processos de tatuagem se dá numa linguagem de relações, o processo de estigmatização se presta a agregar os pares

1

Conversa por e-mail com o professor orientador alberto Groisman.

ao invés de segregá los. (GOFFMAN.1963, p.13). Esse projeto de diferenciação se dá no âmbito das relações sociais, e é expresso na superfície do corpo. Assim uma ideia de “diferença”, de desvio, é diretamente relacionada e de certa forma confronta os ideais de normalidade das sociedades em questão. Caracterizava então uma escolha pelo signo negativo que marcava dada diferença de uma normalidade, mas também um certo tipo de pertencimento aos que compartilham de uma não normalidade. Assim pessoas passaram a se tatuar para demarcar o pertencimento a certo grupos. Nesse caso no entanto não era exatamente o fato de tatuar-se que as unia, mas sim o fato de tatuar símbolos específicos e as motivações que tinham.

O estigma, é essa forma de atestar “diferença” e é também uma forma de produzir uma determinada noção de “normalidade”, já que esse processo resulta em um tipo de integrante de determinada sociedade que atinge ou não determinadas expectativas. Se refere então a um indivíduo que é classificado enquanto inabilitado para a aceitação social plena e categorizado enquanto alguém que não corresponde às expectativas de normalidade entre o agregado social a que pertence. Esse tipo de relação pode se dar com um tipo de agregado social em detrimento a outro, ou entre os membros de um mesmo agregado social.

As escolhas de cada marcação, símbolo e lugar tatuado tem sido assumidas com uma trajetória íntima e ao mesmo tempo social da pessoa, algo sobre si que se encontra constantemente exposto, segundo os mediadores da pesquisa. As relações das pessoas que se tatuam com suas tatuagens são muito específicas e derivadas do contexto de onde vêm, por exemplo, algumas pessoas terão mais apreço pelo desenho que lhe resultou o processo, outros fazem por “curtição”.

Das pessoas com as quais conversei, quase todas demonstraram que entendem a tatuagem como um momento, uma forma de marcar uma situação que vivem, de passagem significativa. Algo como, nas palavras de uma interlocutora, a “afinação de um instrumento”. Uma forma de marcar a força que possuem por ter passado por determinados processos.

As iniciativas estéticas e técnicas no que diz respeito ao design, radicalidade, níveis de dor, locais dos eventos e sua especialização técnica nos sentidos de “biossegurança”, também passaram por reconfigurações ao longo dos anos. Essa reconfiguração por parte do estúdios tem por objetivo transmitir confiança e

tranquilidade para o cliente mas também reposicionar/renegociar a posição social do tatuador enquanto um profissional, especialista, e artista. A re-negociação é feita, e o tatuador profissional deixa de ser considerado tão “exótico”, e essa característica recai mais fortemente sobre a tatuagem amadora, ou experimental ou muito transgressora.

A institucionalização das práticas de modificação corporal em estúdios tem a ver com o movimento de adquirir confiança de clientes e produz certas negociações de posicionamentos e agenciamentos (PEREZ, 2003) . Ao passo que a aceitação de certos tipos específicos de cenários e práticas acontece, um movimento contrário de práticas amadoras e experimentais, que é muito característico de entusiastas e especialistas das práticas, acontecem no âmbito residencial e não partilham desses status.

No entanto o estúdio, não é um contraponto a casa, mas uma continuidade, uma forma de validar as práticas que já se dariam em um âmbito doméstico estendidas ao estúdio como uma oportunidade de validação e sustento de outros projetos de vida. Para que o procedimento institucionalizado aconteça, ele antes é desenvolvido no ambiente doméstico e estigmatizado.

Faço o convite de refletir as seguintes práticas em contraponto aos processos de massificação e de aceitação dos procedimentos de tatuagem. Levando em conta os movimentos recentes que prezam por uma estética que continue de certa maneira o estranhamento do corpo tatuado. E que podem estar indo de encontro com um processo de normalização de certos tipos de tatuagem, que são mais aceitáveis por terem desenhos, artes, que são mais condizentes com estéticas mais aceitas e difundidas.

ESTIGMA E NORMALIDADE

O estigma, é essa forma de atestar “diferença”. Se refere então a um indivíduo que é classificado enquanto inabilitado para a aceitação social plena e categorizado enquanto alguém que não corresponde às expectativas de normalidade entre o agregado social a que pertence. Segundo Goffman (1968), a identidade social é mediada também por uma expectativa de como essa pessoa deveria ser em

contraste com o que realmente representa e atinge dessas expectativas quando se trata das configurações e atributos no sentido de sua identidade pessoal. Essa incompatibilidade resultaria do que Goffman define como estigma. Esses processos são também uma forma de produzir uma determinada noção de normalidade, essa noção de “normalidade” pode ser referente àqueles que são considerados dentro do espectro da normalidade do senso comum, mas pode funcionar também nas lógicas de relações de pessoas que seriam consideradas com engajadas em algum tipo de negação coletiva da ordem social. Penso que o que Bauman explica sobre a noção de comunidade pode ser uma ferramenta interessante para entender esses processos de uma série de pessoas que não se veem como um grupo mas identificam-se umas com as outras.

Segundo Bauman, esse mundo flexível e plural a nossa volta nos faz focar e investir naquilo que podemos e achamos que podemos controlar, seja qual for, isso se refere à nossa autopreservação. Subsequentemente investimos nas nossas propriedades, integridade corporal e na nossa "comunidade" (BAUMAN, 2003) ; que faz do estranho um inimigo que precisa ser enfrentado. Quanto mais o outro se torna ameaçante, mais buscamos segurança e mais distantes ficamos. Por uma ideia de que estamos por nossa própria conta e sorte no mundo acabamos procurando sozinhos soluções para problemas compartilhados. Os “bem-sucedidos” criam um simulacro de comunidade bem guardado para evitar a entrada de intrusos. Sob essa perspectiva os indivíduos de fato são aqueles que “venceram”, e são donos de seu destino, com liberdade de opções.

Pensar em termos comunitários [nas sociedades ocidentalizadas judaico cristãs] se torna uma filosofia dos fracos porque estes são os indivíduos que não são capazes de praticar a individualidade de fato, deixados de lado e que têm de resolver seus problemas sem contar com ninguém. Porque não podem exercer sua individualidade de fato, os “fracos”, são condenados a comunidade real e obrigatória dos guetos verdadeiros, são incapazes de “exibir alguma capacidade especial” (BAUMAN,2003:p.57), portanto condenados a submissão. Na comunidade existe então a garantia de certeza e proteção (BAUMAN,2003:p. 68) e é tudo que lhes falta em seu ambiente de incertezas, desprotegido e com os poucos recursos que possuem. Essa busca por segurança é o paliativo da insegurança que vivemos já

que existe uma instância pública que por vezes “fica a desejar”. Entendo que esse modo de pensar o que é uma “comunidade” seja interessante para refletirmos sobre quando essas pessoas se veem como pares e quando essas pessoas se vêem como diferentes entre si. Por mais que constantemente passando por um processo de reconfiguração das noções de “normalidade” no que se refere a determinadas práticas estigmatizadas.

EXPERIÊNCIAS HETEROGÊNEAS

Para a Teoria Ator-Rede o ator é definido de acordo com o papel que desempenha, de sua atividade e de sua repercussão. A rede representa os nós onde os atores estão envolvidos e pode seguir para qualquer lado ou direção. O termo ator é usado para referenciar de forma neutra a humanos e não humanos. Esses atores humanos e não humanos agem mutuamente, interferem e influenciam o comportamento um do outro. Latour definiu como “mediadores” os atores que transportam o significado, transformando-os e definindo o que “entra e o que sai” (LATOUR, 2012: p.55). Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam (LATOUR, 2012:p.65). E “não há um tipo preferível de agregados sociais, existem incontáveis mediadores “ (LATOUR, 2012:p.67). Dessa forma os sentidos heterogêneos da tatuagem se produzem. Cada mediador transforma o sentido dessa experiência e essa transformação vem simultânea a transformação desse corpo. Assim cada tatuagem recebe um sentido singular.

AGENCIAMENTOS E CORPOS TATUADOS

Para pensar a singularidade de cada uma das experiências, a teoria sobre os jogos sérios de Sherry Ortner movimenta algumas questões sobre uma teoria da prática. É fato que alguns críticos consideram a agência como um conceito “burguês” e “individualista”, pois parece desconsiderar a “boa” ou “má” inserção dos agentes, e levo em conta também que a palavra agência tem algo que remete ao ator autônomo, individualista ocidental. No entanto o ator é entendido como alguém que

tem agência e ao mesmo tempo não é um “agente livre” ou age sem restrições. Pensados como culturalmente variáveis e subjetivamente complexos. O que implica em entendê-los como agentes. Dando mais nitidez as formas mais complexas de relações sociais e as relações de poder em questão.

Existem esquemas que fazem parte de qualquer repertório cultural [tomemos de apoio a noção de *habitus*], que tanto plasmam formas de desejo, quanto maneiras de agir, e as escolhas feitas. A agência é plasmada: tolhida ou nutrida. Nunca é uma coisa em si, mas faz parte do processo de estruturação: o fazer e refazer relações sociais e culturais mais amplas. Em termos gerais a noção de agência tem dois campos de significado, em um campo tem a ver com a intencionalidade e com o fato de perseguir projetos culturalmente definidos. No outro lado agência tem a ver com a questão do poder, com o fato de agir no contexto de relações de desigualdade, de assimetria de forças sociais. Na realidade agência nunca é meramente um ou outro. Suas duas faces, como perseguir projetos ou como o de exercer ou de ser contra o poder, ou se misturam/transfundem um no outro, ou mantêm sua distinção, mas se entrelaçam.

Em suma, as forças em jogo , em qualquer situação, são infinitamente mais complexas do que pode ser captado quando se olham apenas as intenções dos atores. Se o pulsar das forças coletivas começam a ser negligenciados quando o peso do esforço analítico se desloca para a agência, resulta num relato inadequado do que está realmente acontecendo. Se uma análise focaliza excessivamente as intencionalidades dos atores pode perder de vista as forças sociais e culturais de grande escala que estão em jogo, também perderá de vista, as relações complexas e altamente imprevisíveis entre intenções e resultados.

PREENCHENDO CONTORNOS

A tatuagem é uma prática de marcação da pele que envolve a perfuração da epiderme para que uma pigmentação seja introduzida. Nesse processo a pele é marcada com desenhos e padrões. Na sessão geralmente estão tatuador e tatuado, mas é muito comum que na primeira tatuagem se convide um ou mais amigos para que acompanhem o procedimento, o mesmo acontece com o piercing. Os amigos, por sua vez, são uma fonte de motivação e muitas vezes são os que estimulam a pessoa a realizar o procedimento de fato, principalmente quando o mesmos já fizeram tatuagens. O mesmo acontece quando decidem se tornar tatuadores, é comum que os amigos se apoiem e influenciem, emprestando ou dando de presente equipamentos, oferecendo um espaço em seus estúdios, ou disponibilizando as próprias peles com “cobaias”.

Graças à invenção da máquina elétrica, o contexto das práticas mudou de forma significativa desde então, e foi essencial para a especialização e aprimoramento das técnicas contemporâneas. Tanto de desenho, como a de montagem e uso das máquinas. No Brasil, eram trazidas do exterior, avidamente desmontadas e analisadas, e então re-montadas com peças alternativas. Novas técnicas de produção de máquinas de tatuagem foram desenvolvidas ao longo desse processo e o mercado nacional de maquinário para tatuagem ganhou espaço no cenário comercial de vários centros urbanos brasileiros.

OS CORPOS TATUADOS

O conceito de habitus foi usado por ele pela primeira vez nesse mesmo ensaio, mais tarde foi elaborado por Bourdieu. Referia-se ao aspecto totalizante dos usos do corpo em uma sociedade. Surgiu da necessidade de uma breve descrição da miscelânea de comportamentos culturais padronizados nos grupos humanos. E esse corpo socialmente informado deve ser considerado num sentido existencial, em vez de inato no sentido da instalação cognitiva (Csordas 2002:109 p.111). E desse

ponto de partida que o corpo é entendido na presente reflexão.

Parto da perspectiva de que a tatuagem pode ser entendida como um dispositivo que atua nas relações sociais e no corpo dessas pessoas. Pensá-la como dispositivo é pensar nos agenciamentos em que ela pode se inserir. A noção de dispositivo para Foucault é algo que parece se referir a disposição de uma série de práticas e de mecanismos ao mesmo tempo linguísticos e não linguísticos, jurídicos, técnicos e militares. (Agamben, 2005, p.11). Seria um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa: discursos, instituições, edifícios, leis ou medidas de segurança, proposições filosóficas. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos. Esse dispositivo está inscrito em relações de poder e inclui em si “O que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico” (Agamben, 2005 p 9-10), a capacidade de distinguir de uma sociedade. Se trata da relação entre os indivíduos como seres vivos e como o elemento histórico, entendendo o dispositivo como o conjunto das instituições, processos de subjetivação e das regras em que se caracterizam as relações de poder. Trata-se antes de investigar as formas concretas das atuações dos dispositivos sobre as relações, sobre determinados mecanismos e "jogos" de poder.

As tatuagens podem ser pensadas como dispositivos que “re-configuram” corpos: quando por exemplo a tatuagem aparece no discurso de superação de certos traumas, ou dar beleza a partes do corpo que a pessoa não gosta tanto, também podemos pensar nos casos em que as tatuagens são usadas para cobrir cicatrizes que foram resultados de cirurgias, acidentes ou situações dramáticas e de risco. Podem marcar luto, quando são usadas em memória a um ente querido, ou a celebração do nascimento de uma criança, prática comum a de se tatuar nomes de filhos ou irmãos. Continuam a produção de um corpo no sentido dos projetos de grande porte, por exemplo, a cobertura de um braço com tatuagens pode ser planejada cuidadosamente para compor uma grande imagem, ou grandes imagens em interação, geralmente esses projetos levam mais de uma ou duas sessões, devido ao valor das sessões e devido ao tempo de trabalho.

Pensando as questões das identidades sociais, estigmas e normalidades (Goffman, 1978), podemos pensar como esses valores se transformam ao longo do processo de desenvolvimento das práticas de tatuagem e a noção de “normalidade”

no que se refere ao corpo, que aparece nos discursos dessas pessoas como em um processo de transformação e maior aceitação de tatuagens. Essas relações são afetadas de modos diversos e no caso dos corpos tatuados e tatuadores, tem a ver com as escolhas que fazem e sobre seus corpos e sua uma visualidade. Em minha pesquisa de campo perguntei às pessoas sobre como suas tatuagens influenciavam suas relações sociais dentro e fora do núcleo familiar. Tive algumas respostas das pessoas com quem conversei que demonstraram uma percepção de si enquanto uma personagem na vida social, entendendo os movimentos de marcação da pele como algo que influencia essa personagem vista pelo mundo. Modificações corporais que sejam menores, que não tomam grandes partes do corpo, são consideradas aceitáveis na cidade de Florianópolis e nas regiões metropolitanas do sul do Brasil, segundo seus relatos. Por isso hoje em dia essas pessoas não tem mais suas relações alteradas com tanta intensidade simplesmente por realizar o procedimento, mas sim pela forma como escolhe fazê-lo. Existem também pessoas que buscam então não mostrar suas transformações corporais, independente de tamanho ou de escolha de formato, ou com o local em que está no corpo. As tatuagens devem ser escondidas em certos locais de trabalho quando são mais formais, e podem ser expostas em locais em que a situação seja menos formal. Por vezes escolhem por fazê-las pequenas e dentro do aceitável pelo senso comum, com o intuito de que suas relações não sejam tão afetadas, alguns afirmam que sentem que as tatuagens e piercings pouco alteram suas relações sociais.

Segundo Bourdieu (2007), as preferências e assuntos de interesse das pessoas e suas práticas culturais estão ligadas ao acesso a bens culturais que lhes estão disponíveis. Sendo assim também se constituem em uma forma de classificação e distinção. São estratégias de afastamento ou de aproximação e também de segmentação e agregação. Para entender os fatores organizadores dessas preferências sobre os locais do corpo, mais visíveis ou não, os tamanhos e estilos de desenho e suas técnicas, as questões de classe social e acesso ao capital simbólico devem ser levadas em conta. Se faz necessário pensar então quando um corpo pode ser tatuado e quando esse corpo não pode ser tatuado. Um corpo branco, de classe média, andando no shopping, coberto de tatuagens é o mesmo um corpo negro tatuado andando por esse mesmo shopping?

Penso que as escolhas com relação a tatuagem ou qualquer outra modificação corporal podem ter suas orientações analisadas por essas lentes. Articular as reflexões de corpo e corporalidade a uma reflexão da noção de pessoa e suas formas culturais específicas, é a estratégia proposta por Sônia Maluf (2001) para que não se crie uma dicotomia entre o corpo e a pessoa. Se certas experiências estão voltadas para a fabricação de corpos, que investidos de agência e subjetividade fabricam cultura, é também da fabricação de pessoas (e de sujeitos) que ela se trata e elas são produto e produtoras de sentidos e novas experiências; não se trata de aspectos já “dados” (MALUF 2001 p.99). Nos aponta para questionamentos que destacam essas análises, quando nos convida a pensar sobre os limites do que ela chama de uma “autonomia dada ao corpo”. O reconhecimento de que o corpo possui uma agência própria e de que é produtor, e não apenas um produto, de cultura.

Segundo as entrevistas, existe uma identidade em relação a essas pessoas apenas no âmbito de aparência. Os demais aspectos comportamentais, como estilo de vida ou formas de diversão, na maioria das vezes são divergentes. Devido a uma certa similaridade de pensamento as relações tendem a não ser conflituosas na maioria dos casos, e muitas vezes aqueles que escolhem a tatuagem como um projeto de vida (PEREZ, 2003), ou seja, assumem grande projetos de cobertura do corpo com tatuagem, passam a trabalhar e pesquisar o assunto, entre seus pares são muitas vezes considerados irmãos, familiares. As práticas então são sim, vistas sob uma lente de conexão, uma forma de alcançar o outro, de pular o “small talk”. Mas ainda assim respeitando a singularidade da experiência e das orientações e escolhas de outras pessoas e a pluralidade de sentidos que cada tatuagem tem. Isso se dá muito entre diferentes pessoas tatuadas, mas também esses sentidos variam no próprio corpo de uma pessoa, sendo que cada uma das tatuagens adquire um sentido muito particular. Os processos corporais de “embodiment” são vastos e heterogêneos, revelando uma multiplicidade de formas de comunicação entre os corpos/sujeitos/pessoas. “Significa pensar o corpo como sujeito da cultura e não como objeto e, nesse sentido, produzir uma forma de conhecimento incorporada que só faz sentido no e pelo corpo” (Csordas, 2008)

A ESCOLHA DE UM TATUADOR

Quando se trata dos critérios de seleção de um tatuador ou do modificador corporal, se dará de acordo com o acesso e das relações de cada pessoa, como mencionado anteriormente no capítulo. No caso de uma loja, um cliente que contrata um serviço, temos a análise dos estúdios na região em que a pessoa vive, ou onde quer ser tatuada. Existem muitas pessoas que, como os marinheiros, trazem uma tatuagem, como lembrança de uma viagem. Em seguida, recomendações de amigos ou de conhecidos que já foram clientes ou conhecem os clientes do tatuador em questão. Ainda, a técnica de desenho, de pigmentação e muitas vezes um diferencial uma visão “artística” que combine com o projeto estético do cliente. Algumas pessoas ainda, escolhem o tatuador de acordo com o “peso” de sua mão. Isso estaria diretamente relacionado a quantidade de dor que pessoa vai sentir, pois se o tatuador tiver a mão “muito” pesada a pessoa provavelmente irá sentir mais dor. Os locais que mais doem variam nos discursos das pessoas com quem pesquisei. A dor de uma tatuagem não é necessariamente a mesma para todas as pessoas. Varia de acordo também com a quantidade de procedimentos aos quais a pessoa já se submeteu. Acontece assim um aprender a ser tatuado também. Alguns tatuadores ensinam técnicas de respiração, algumas pessoas escolhem músicas específicas para passar pelo procedimento. Há ainda as pessoas que sentem muita dor ao se tatuar e fazem disso um enfrentamento dessas barreiras. Além de todas essas questões, o tempo e o valor de sessão são aspectos centrais na decisão do tatuador.

Para além do estúdio, quando falamos de modificações nos meios domésticos, nem sempre a técnica e as recomendações, ou até mesmo o “peso” da mão são levados em conta. O que importa, muitas vezes é a própria relação entre as pessoas, que aprendem juntas a se modificar e se trocam experiências, fazendo assim de seu corpo uma espécie de laboratório de experimentação para si mesmo e para o outro. Nesses casos a assepsia do ambiente nem sempre é levada em conta também, apesar de haverem os cuidados com a higiene, essas ocasiões podem se dar juntamente com o uso de álcool ou outras substâncias. Um movimento que se destaca é traço dos eventos de tatuagem é o live-tattoo que acontece em festas e

eventos não necessariamente relacionados a tatuagem, mas a música, arte performática ou festivais.

A busca pelo choque, pela provação através da dor, pela provação da coragem e do reconhecimento e pertencimento, além de adicionar o tom a sua narrativa pessoal, faz com que certos processos tenham emergido no mundo das práticas que se caracterizam por sua “radicalidade” e “violência”. Lembremos do Brutal Black Tattoo, prática em que a pessoa tem um projeto de desenho que lhe cobrirá uma grande parte do corpo (projetos de um braço inteiro, por exemplo), que será feito em uma única sessão (de uma vez), em que os tatuadores farão o procedimento de forma rápida, agressiva, e que envolve dor, tatuando assim regiões muito sensíveis como mamilos, genitais e rosto.

FAZENDO UMA TATUAGEM

A pessoa que está interessada em se tatuar conversa com o tatuador de sua escolha para definir um desenho de tatuagem. A escolha do tatuador se dá de acordo com o acesso da pessoa as localidades e a outras pessoas que tatuam no mesmo lugar, no caso das recomendações de tatuadores, e às redes e plataformas na qual as divulgações são feitas, no caso de pessoas que realizam buscas online do perfil de tatuadoras e tatuadores para analisar-lhes o trabalho e assim definir com quem querem realizar o procedimento. As recomendações são formas muito comuns de se chegar a estúdio, existe uma troca de informações no sentido de dor, peso da mão do tatuador (uma mão que faz mais força contra a pele deixa o processo mais dolorido), preço e se o ambiente é amigável.

Numa situação idealizada de uma sessão de tatuagem o procedimento é mais o menos os seguinte. Após a decisão final do desenho, se faz o decalque, e quando a posição e o desenho recebem o o.k. da pessoa a ser tatuada o procedimento tem início. O decalque da tatuagem é feito com papel carbono e papel manteiga (geralmente), artigos comprados facilmente em papelarias. É com o decalque que se faz os primeiros posicionamentos do desenho. Após a decisão final sobre o desenho a ser tatuado ser tomada, o tatuador passa esse desenho para o papel manteiga

através do papel carbono. Para isso posiciona-se o papel manteiga sem desenho em baixo, no meio o papel carbono e por cima o desenho já pronto ou seus contornos principais, com um lápis ou caneta o tatuador refaz esses contornos com o intuito de passar o desenho para o papel manteiga de baixo fazendo pressão e ativando o carbono. Após esse processo, um gel é aplicado na pele onde se vai posicionar o desenho, esse gel é responsável pela transferência da tinta do papel carbono para a pele. Para isso, após se aplicar o gel, se posiciona o papel manteiga que acabou de ser marcado pelo carbono com a parte em que está a tinta voltada para a pele. Puxa-se o decalque cuidadosamente, e normalmente o cliente é orientado a conferir no espelho essa prévia do trabalho final

Primeiro a pessoa se senta ou deita, normalmente em uma maca ou cadeira que foi coberta em papel filme. Os instrumentos para a realização do procedimento são posicionados sobre uma mesa, ou superfície de apoio plana, também coberta por papel filme. Nessa mesa são dispostas as tintas, as máquinas de tatuagem que serão utilizadas, as agulhas e biqueiras autoclavadas² lacradas em embalagens plásticas, um copo com água para a limpeza dos pigmentos da agulha, como um pincel, álcool para a limpeza da pele, vaselina (mais comum) para reduzir o atrito da máquina, e da agulha contra a pele e facilitar na limpeza do sangue e um borrifador também auxilia na limpeza durante o procedimento, participante essencial é o papel toalha, que é utilizado em grande quantidade para a limpeza de todos os equipamentos e superfícies, sempre com álcool.

O tatuador por vezes usa vários pequenos potinhos, que tem o tamanho de pontas de lápis, onde se deposita pigmentos se faz as misturas também. Esses potinhos são muito pequenos, então é comum que se pegue um punhado de vaselina e use a vaselina disposta em uma camada bem grossa para segurá los. Depois de fixar os potinhos, o tatuador seleciona as tintas que vai usar e faz as misturas dos pigmentos necessários. Abre a biqueira e a agulha, monta a máquina colocando primeiro uma depois a outra, faz os ajustes para firmar as duas e liga a máquina. Os tatuadores normalmente embalam em papel filme a máquina toda, até o fio de energia, para que não se suje a máquina com sangue e se gere uma

² Autoclavar é colocar os instrumentos de metal na autoclave. Um aparelho de metal grande e pesado que eleva os materiais a altas temperaturas para higienizá-los.

contaminação indesejada e acidental. Tudo que for usado na sessão será envolto em papel filme e será limpo com álcool.

O tatuador então pode escolher raspar os pelos da região em que será tatuada com uma gilete descartável, mas isso nem sempre ocorre, limpa a região com álcool ou algum antisséptico, e começa pelos traços do desenho, aos poucos avisando a pessoa que pode pedir que pare se sentir muita dor. A configuração da sessão não necessariamente precisa ser como a apresentada acima, tem um determinado grau de variabilidade como veremos no capítulo 4.

TATUAR UM “OUTRO” CORPO

O aprendizado e a formação do tatuador perpassam seu corpo. Não há necessariamente uma ordem em que esse conhecimento é corporificado e apreendido socialmente. Por exemplo, tatuar uma pessoa envolve os seguintes aspectos centrais: saber manejar técnicas de desenho/ilustração, saber manejar a pele e saber manejar o maquinário. O corpo que tatua outro corpo precisa então saber manejar uma gama de técnicas que perpassam suas habilidades corporais. Desde sua postura, espessura de traço, forma de colorir tanto seus desenhos quanto suas tatuagens, a forma como maneja pincéis e lápis e as técnicas que conhece, todos esses aspectos tem uma certa influência também na forma como vai lidar com o maquinário da tatuagem, a força que utiliza, o os formatos dos desenhos que escolhe ou se dispõe a tatuar, suas pigmentações e sombreamentos. Ainda é essencial levar em consideração e deter certas técnicas de manipulação da pele das pessoas que tatua. Sabendo que essas mesmas terão colorações, texturas e aspectos diferenciados que devem ser pensados na hora de tatuar. O resultado final da grafia na pele de alguém é a soma de múltiplos processos inclusive os aprendizados no sentido das práticas de desenho, pintura e ilustração.

Outro aspecto que se destaca são os formatos e relações que se desenvolvem a partir da tatuagem e produzem corpos tatuadores. Os tatuadores com que se pesquisou relataram que tatuadores mais experientes tendem a ser receptivos com as pessoas que estão começando. Oferecendo trabalho na recepção do estúdio, ou deixando-os marcar seus atendimentos em seu estúdio. Também os

amigos tem um papel forte nesse processo, pois geralmente são uma fonte de estímulo e por vezes acabam sendo as primeiras pessoas que o “aspirante a tatuador” vai tatuar além de si mesmo. essas experimentações são similares com outras técnicas também como a de perfuração e de escarificação. Nos casos estudados é comum que essas experimentações aconteçam primeiro no ambiente doméstico e depois gradativamente se desloquem ao estúdio.

Como no caso da tatuadora que disse ter virado tatuadora “na marra”. Seus amigos a presentearam com a máquina, fonte e tintas aos dezoito anos e desde então estimularam seu aprendizado e prática na técnica. Camila, teve contato com a arte (palavras de Camila) desde muito nova por influência de sua mãe, e esse contato esteve bastante presente em sua trajetória como tatuadora.

A MODIFICAÇÃO CORPORAL

É um termo guarda-chuva para uma série de procedimentos de manipulação do corpo e de sua aparência. São procedimentos de transformação que podem ser caracterizados como tatuagens, piercings, alargadores, práticas de suspensão corporal, blood play e implantes em seus variados moldes. Esses procedimentos têm um grande número de adeptos e participantes nas metrópoles brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo, onde estão os praticantes que têm mais visibilidade nas redes sociais como Facebook e Instagram. Em Florianópolis as práticas são bastante difundidas e existe um grande número de pessoas que fazem tatuagens em suas peles. A seguir, descrevo algumas das práticas de modificação corporal.

Escarificação

A escarificação é o uso de cicatrizes controladas para formar uma arte corporal, com as técnicas mais comuns, que são as que cortam-se com bisturi filetes finos da pele de forma que se criem cicatrizes em formatos pré definidos. Outro processo comum é o de molde, em que o desenho é forjado em aço cirúrgico (ou outro material apropriado e que retenha calor) e é pressionado contra a pele.

Existem múltiplos processos de escarificação, mas os feitos com o molde pronto, ou com o bisturi elétrico³ são conhecidos como branding.

Em procedimentos de escarificação é importante que exista uma saída de aterramento para a carga elétrica extrema que é usada para fazer as marcações, uma superfície áspera, como a de uma esponja de cozinha, para que se limpe da agulha a pele queimada, e materiais para a assepsia .

Suspensão Corporal

A suspensão corporal consiste no processo de suspender uma pessoa usando ganchos que perfuram sua pele . Podem ser aplicados em qualquer região do corpo e variar no número de ganchos. Esse procedimento envolve muitas pessoas. Acontece marcado com antecedência para que mais praticantes possam realizar o procedimento no mesmo dia. É um procedimento complexo pois envolve suspender a pessoa por ganchos e cordas, exige mais de dois ou três envolvidos para fazer essa suspensão do corpo. Geralmente pessoas como amigos e parceiros acompanham os que se suspendem. Normalmente ocorrem em convenções ou evento fechados, mas em Florianópolis, desde 2017, um grupo de tatuadores e body piercers passou a fazer suspenções ao ar livre em praias menos movimentadas. A escolha de um lugar aberto ao público abre possibilidade para que transeuntes, que estão passando e não foram convidados assistam o evento. Isso nem sempre é motivo de desconforto para o suspenso.

Brutal Black Tattoo

³ O bisturi Elétrico (eletrônico / eletrocirúrgico), utilizado em cirurgias denominadas de eletrocirurgia ou diatermia, é comumente usado em praticamente todas as especialidades cirúrgicas. A definição de eletrocirurgia ou diatermia, é o processo em que são destruídos os tecidos biológicos através da aplicação da eletricidade, coagulando os vasos sanguíneos, procedimento possível com a utilização do Bisturi Elétrico. Na eletrocirurgia, a corrente elétrica é produzida por um gerador, chegando ao corpo do paciente através de um eletrodo ativo agindo no tecido alvo, esta corrente irá encontrar a saída através do eletrodo neutro que é a placa que é colocada junto ao corpo deste paciente. Para o uso cirúrgico de alta energia o sistema Monopolar depende de um bom contato elétrico entre uma grande área do corpo (geralmente as costas do paciente, quando possível) com o eletrodo dispersivo de retorno (placa). Queimaduras graves (3o grau) podem ocorrer se o contato com o eletrodo de retorno não for satisfatório, ou quando um paciente entra em contato com objetos de metal que serve como um involuntário caminho de fuga (terra).

Brutal Black Tattoo é um movimento que iniciou com o estúdio Brutal Black. São três tatuadores que passaram a aparecer na mídia em 2017. Seu projeto foca no processo de tatuagem ao invés de no resultado final. As tatuagens são grandes projetos para o corpo todo, feitos em tinta preta e feitos com força e rápidas. A ideia é criar um rito de passagem. Os próprios tatuadores falam de um retorno a prática “primitiva”. Os projetos passam por partes doloridas e chocantes. Pelo rosto, pálpebras, mamilos e órgãos genitais e tem tido uma adesão crescente. Esse movimento surge como uma contestação à massificação dos processos de tatuagem.

Tatuagem Ocular (Eyeball tattooing)

A tatuagem ocular consiste na pigmentação da esclera do olho através da injeção de tinta por baixo da membrana ocular. A íris não é atingida, apenas o branco dos olhos. O processo é altamente arriscado. Recentemente, no ano de 2013, a prática foi alvo de um projeto de lei que visava penalizar qualquer pessoa que realizasse o procedimento com seis meses a um ano de prisão por lesão corporal.

SOMBREAMENTO E PROFUNDIDADE

Nome	Origem	Área de Atuação	Locais onde faz tatuagens	Procedimentos	Valor em R\$ Branding ou Tattoo / Piercing	Formação	Estilo de Tatuagem	Profissão dos pais
Tatuador 1	São Paulo	Costa da Lagoa / Lagoa / Rio Vermelho	Residência da pessoa que contrata o serviço / Estúdio	Escarificação / Perfuração	A partir de 80 / 80	Letras UFSC - incompleto		Pais médicos Biossegurança
Tatuador 2	Londrina	Lagoa da Conceição	Residência da pessoa que contrata o serviço / Estúdio	Tatuagem / Perfuração	A partir de 250 / 60	Ensino Médio		Sem Info.
Tatuadora 3	Curitiba	Costa da Lagoa	Residência da pessoa que contrata o serviço	Tatuagem	A partir de 100	Artes Plásticas UDESC - incompleto	Ilustração	Pai veterinário
Tatuadora 4	Curitiba	Rio Vermelho	Estúdio	Tatuagem / Perfuração	A partir de 250 / 60	Artes Plásticas UDESC - incompleto	Ols School Minimalista	Sem Info.
Tatuador 5	Florianópolis	Rio Vermelho	Estúdio	Tatuagem	A partir de 250	Ensino Médio	Realismo	Sem Info.
Tatuadora 6	Londrina	Lagoa da Conceição	Estúdio	Tatuagem	A partir de 250	Contato com a arte desde muito nova	Tuagens artísticas - cores vivas	Sem Info.
Tatuadora 7	Paris	Itinerante	Estúdio / Itinerante	Tatuagem	A partir de 300	Escola de Arte em Paris	Tatuagens nos estílo aquarela	Sem Info.

Existe uma diversidade gigantesca no que diz respeito às motivações e relações que cada pessoa que faz uma tatuagem. A maior parte das pessoas consultada para essa pesquisa considera seu corpo modificado e também considera que exista um senso de comunidade entre pessoas que compartilham desse interesse de “modificar-se”. Os praticantes reconhecem a grande variedade de integrantes e admiradores das práticas e sim, pertencem a diferentes contextos sociais, mas a modificação se torna aí um ponto de encontro, um ponto de acesso ao outro, e uma forma de proteção e integração como veremos nos relatos adiante. Relações entre as pessoas tem espaço essas diferenças em outros sentidos de vida, mas aqui as práticas funcionam como um mediador de novas relações e agrupamentos que vão além dessas diferenças iniciais. “Existe uma identidade em relação a essas pessoas apenas no âmbito de aparência. Os demais aspectos comportamentais, como estilo de vida ou formas de diversão, na maioria das vezes

são divergentes.” Devido a similaridade de pensamento as relações são boas, e muitas vezes seus pares são considerados irmãos, familiares.

Perguntado às pessoas sobre como isso influencia suas relações sociais dentro e fora do núcleo familiar tive algumas respostas que deixavam clara a percepção de si enquanto uma personagem na vida social, entendendo os movimentos de marcação da pele como algo que influencia essa persona vista pelo mundo. Outras pessoas, apesar de buscarem não expô-las, disseram que as tatuagens e piercings pouco alteram suas relações. Ainda existe a fala de que modificações corporais que sejam menores, que tomam grandes partes do corpo sejam consideradas comuns na atualidade e, por isso hoje em dia essas pessoas não tem mais suas relações alteradas com tanta intensidade. Isso se dá graças aos estigmas carregados pelos processos de apropriação ocidentais mencionados acima e suas transformações ao longo dos anos. Mas as práticas são sim vistas sob uma lente de conexão, uma forma de alcançar o outro, de pular o “small talk”. palavras de Chloé. Em alguns casos, as relações familiares são afetadas, em outros nem tanto, ou se são, em breve passam a ser aceitas por seus familiares.

claudiamay dá um relato muito interessante sobre como suas relações sociais são afetadas pela tatuagem. “Nós atualmente vendemos livros e discos usados, produzimos zines e tocamos uma editora anarquista. Também faço traduções e revisões de textos em português e em inglês.” relata sobre sua situação atual. Com relação ao seu núcleo familiar diz que “No começo houve preconceito, principalmente vindo das pessoas mais velhas da família. Era como se eu fosse "radical" ou tivesse "me perdido". Mas com o tempo meus pais me aceitaram, e com a opinião de outras pessoas da família não me importo, apesar de saber que me julgam assim que me olham. ” E sobre suas relações sociais fora desse núcleo me disse que “Percebo que há muito preconceito, especialmente agora que mudei para uma cidade ainda menor do que aquela onde nasci e sempre vivi. Isso que eu considero que tenho poucas modificações, e "discretas". Há algum tempo eu vivi um relacionamento que não era favorável para mim, e a família dele me julgava muito por ter tatuagens (ainda me julgam). Depois que me separei, parei de me importar. Se a pessoa tem preconceito com minhas tatuagens e meu piercing, ela tem preconceito contra mim e contra xs minhxs e, portanto, a opinião dessa pessoa não

merece minha consideração. Hoje não escondo mais piercings e tatuagens, e sei que isso me "prejudica" em questões de emprego, por exemplo. Sou professora e sei que se ingressar em redes particulares de ensino, serei pressionada a me esconder. Isso me leva a cada vez mais me afastar dessas instituições e procurar fontes alternativas de renda e relações sociais. A minha aparência também influencia na atitude das pessoas que passam pela nossa banquinha de livros. Muita gente nos olha com desprezo e preconceito, por não sermos "limpinhos" ou tradicionais e deixam de conhecer os títulos que vendemos. Mas é o preço a se pagar pela liberdade, e ser livre da hipocrisia da sociedade em que vivemos vale mais do que ser adequadx e gozar de falsas oportunidades e falsas relações."

Sobre conhecer outras pessoas que se "modificam" "Sinto que é muito mais fácil se aproximar de pessoas que pensam como eu sobre o corpo e sobre a política (e sobre as políticas do corpo). Vejo mais receptividade, e há muitas trocas de experiência que me fazem crescer como pessoa, rever valores, aprender coisas novas. Tenho muitas amigxs com modificações corporais e sinto que nós formamos uma comunidade e podemos contar umxs com xs outrxs, mesmo que os contatos sejam efêmeros ou as amizades estejam à distância. Também sinto que quando nos reconhecemos umxs nxs outrxs estamos prontxs a nos protegermos mutuamente.

A materialidade do corpo é parte de nossa prática de ser. "

"Sinto que é muito mais fácil se aproximar de pessoas que pensam como eu sobre o corpo e sobre a política (e sobre as políticas do corpo). Vejo mais receptividade, e há muitas trocas de experiência que me fazem crescer como pessoa, rever valores, aprender coisas novas. Tenho muitas amigxs com modificações corporais e sinto que nós formamos uma comunidade e podemos contar umxs com xs outrxs, mesmo que os contatos sejam efêmeros ou as amizades estejam à distância. Também sinto que quando nos reconhecemos umxs nxs outrxs estamos prontxs a nos protegermos mutuamente. A materialidade do corpo é parte de nossa prática de ser.

"Eu acho que a palavra "modificação" remete a um suposto modelo anterior, não-modificado. Eu acredito que o corpo se faz na prática e nós criamos nossa materialidade em nossa performance de ser. Mas não sei dizer no momento um

termo que substitua o "modificação", essa pergunta certamente vai me fazer pensar bastante sobre isso.

“Cada tatuagem marca algo significativo da minha vida, me remete a lembranças e momentos cruciais da minha trajetória pessoal. Também me reforçam o sentimento de liberdade e autonomia sobre mim mesma. Muitas vezes quando sinto insegurança social eu retorno o olhar às minhas tatuagens e piercing e procuro aí forças para não me deixar levar pelas pressões externas. Conheço um pouco da história das modificações corporais como tatuagens e piercings, um pouco sobre o significado dessas práticas em outras culturas, como as indígenas, e também sobre os estigmas que acompanham as pessoas que modificam seus corpos na cultura ocidental.”

Nanashara 29 anos de Florianópolis e Curitiba. Seu núcleo familiar é composto pela namorada e dois gatos. “Eu dou aula de violão e vendo camisetas pintadas a mão.” Com relação a forma como suas relações sociais se dão e sobre os aspectos da tatuagem “As pessoas não me levam muito a sério a primeira vista. Principalmente em entrevistas de emprego” Sobre outras pessoas tatuadas em seu círculo social “Pessoas de mente aberta com as diferenças”

“Cada tatuagem significa uma época da minha vida. É a minha história ilustrada com coisas que eu gosto de lembrar”

Hugo Kiyodi Oshiro, 28 anos sobre seu núcleo familiar “Meus pais ainda são casados e tenho um irmão mais velho que mora com eles. Vejo minha família duas vezes por ano. Meus pais são comerciantes e meu irmão estudante. Minha mãe tem ensino médio completo; meu pai, superior completo e meu irmão também superior completo.”

“Minha mãe sempre reclama das minhas tatuagens. Ele as considera em tamanho e quantidade exagerados.” “Acredito que nada [muda por causa das tatuagens]. Contudo procuro não expô-las. Embora estejam localizadas em locais bem visíveis, sempre me visto de maneira a ocultá-las.”

“Existe uma identidade em relação a essas pessoas apenas no âmbito de aparência. Os demais aspectos comportamentais, como estilo de vida ou formas de diversão, na maioria das vezes são divergentes.”

“Acredito que atualmente ele o seu sentido seja mais vinculado a intervenções corporais pouco usuais como escarificação, implantes, eye ball, alargadores muito grandes (ou em locais pouco usuais), etc. Uma vez que tatuagens, piercings e alargadores tornarem-se socialmente mais comuns, talvez não sejam mais vistos como modificações e sim como adereços. Ainda mais considerando-se a relativa facilidade da reversão de cada um desses processos. Ou seja, modificação corporal atualmente, seria algo mais reservado a intervenções cuja reversão é virtualmente impossível.

“Considerando a 'Modificação Corporal' como termo amplo, na atualidade, acredito que não. A difusão da prática atingiu níveis amplos da sociedade, e a diversidade de adeptos não cria mais uma unidade em torno da prática, como talvez tenha sido no passado. Agora considerando 'Modificação Corporal' em um sentido mais restrito (práticas mais extremas), sim existe um senso de comunidade.

“Em relação às tatuagens: em seus locais de origem, tatuagens orientais são quase sempre atreladas ao mundo do crime e trazem símbolos característicos das culturas locais (dragões, demônios, seres místicos, flores, etc.) sempre carregados de significado, representando algo na vida dos tatuados.

Qual a sua opinião sobre o termo "Modificação Corporal" ?

“Acredito que atualmente ele o seu sentido seja mais vinculado a intervenções corporais pouco usuais como escarificação, implantes, eye ball, alargadores muito grandes (ou em locais pouco usuais), etc. Uma vez que tatuagens, piercings e alargadores tornarem-se socialmente mais comuns, talvez não sejam mais vistos como modificações e sim como adereços. Ainda mais considerando-se a relativa facilidade da reversão de cada um desses processos. Ou seja, modificação corporal atualmente, seria algo mais reservado a intervenções cuja reversão é virtualmente impossível.”

“Respeito quem não gosta, mas é ótimo sentir a dorzinha no corpo”

“Acho que é um termo bem cru, já que serve para basicamente qualquer pequena modificação “

“Liberdade “

“Eu acho que a palavra "modificação" remete a um suposto modelo anterior,

não-modificado. Eu acredito que o corpo se faz na prática e nós criamos nossa materialidade em nossa performance de ser. Mas não sei dizer no momento um termo que substitua o "modificação", essa pergunta certamente vai me fazer pensar bastante sobre isso."

"É apenas uma classificação"

"soa estranho... iria achar mais justo um termo como afinar, referendo a um instrumento."

Definições particulares das práticas: Fora do Padrão. Arte. Modificações nos fazem mais belos Pessoas que buscam aperfeiçoar seu próprio corpo, de acordo com suas concepções estéticas . Pessoas de mente aberta com as diferenças . A materialidade do corpo é parte de nossa prática de ser. Pessoas .a apropriação.

Qual o sentido dessas práticas na sua história pessoal?

"Foram momentos de curtição, momentos que hoje são lembrados com carinho."

"Como desenhista amador meu apreço pela arte é muito grande. Ter uma tatuagem é o mesmo que adquirir um quadro, com a vantagem (talvez contestável) de que essa arte dura por toda sua vida, enquanto um quadro deteriora-se com o passar do tempo."

"Levar na pele e passar mensagens de quem eu sou ou fui através de desenhos e palavras escolhidos"

"Cada tatuagem significa uma época da minha vida. É a minha história ilustrada com coisas que eu gosto de lembrar"

"Cada tatuagem marca algo significativo da minha vida, me remete a lembranças e momentos cruciais da minha trajetória pessoal. Também me reforçam o sentimento de liberdade e autonomia sobre mim mesma. Muitas vezes quando sinto insegurança social eu retorno o olhar às minhas tatuagens e piercing e procuro aí forças para não me deixar levar pelas pressões externas"

"Gosto pessoal"

"são catalizadores. marcas na minha linha do tempo, de crescimento."

Após uma longa jornada de ônibus em direção ao extremo sul da ilha, passando por muitas praias e ambientes descampados, parei na frente da pousada Mares do Sul, conhecida pelos moradores do bairro e pelo motorista de ônibus. Desci do ônibus às 12 horas de um sábado depois de duas horas e meia de trajeto, a neblina, a garoa e a maresia se misturavam numa massa gasosa e branca que recobria quase todo o horizonte, permitindo que apenas as casas mais próximas e a estrada ficassem completamente visíveis.

Cheguei à casa de Chloé como combinado, por sorte não me atrasei mesmo com o pequeno percalço no caminho. Chloé morava no topo de um morro, tão íngreme que em certos momentos tive que usar as mãos para me apoiar no chão e não cair morro abaixo. O clima úmido do dia combinado à umidade natural de lugares no meio da mata e próximos ao mar fazia a estrada rústica de cimento ainda mais difícil de subir. Cheguei exausto. Chloé e uma amiga sua me receberam com hospitalidade e simpatia. Chloé era uma francesa, artista plástica e tatuadora, estava morando em Florianópolis por sete meses e já planejava sua partida para encontrar o namorado carioca e ir para Belém ou Natal já que ela não gostava de frio. Sua amiga, Luz, era também tatuadora e artista plástica mas vinha da argentina. Chloé lep, 26 anos e é francesa, vive na “na rota”, longe da família na França e residente itinerante no Brasil.

Elas falavam em espanhol entre si, comigo Chloé arriscava um português e Luz somente falava espanhol. Ambas tatuavam na casa de madeira, cheia de janelas e quadros, o ambiente era rústico mas com toques de sofisticação conferidos pelos quadros e os materiais para tatuagem dispostos de maneira criativa pela casa toda; as cores vivas das paredes e o contraste com o ambiente quase selvagem enquadrado pelas janelas e aquela exposição de arte inesperada me deixaram bastante feliz. Recorri à Chloé para fazer uma tatuagem, e ela prontamente marcou horário me pedindo em troca alguns ensinamentos sobre tarot, estava escrevendo uma história que envolvia a simbologia das cartas.

“trabalho para a minha conta viajando. detesto estúdios e encontro outros espaços menos agressivos para trabalhar. [Tive] breve formação num estúdio onde não tive tempo de praticar, pratiquei sozinha. Tentei trabalhar em estúdios pequenos no Rio mas nunca deu certo, nunca me dei bem com a sua visão de business e árida, trabalhando mecanicamente como obreros.

Montei um estúdio com uma parceira que tem uma visão holística, tentei montar uma [sessão] com uma leitura de tarô mas não deu certo. Hoje formo parte de um coletivo de tatuadoras viajantes sem estudio fixo.

A palavra "espiritual", por mim é muito obviamente presente no coração de todas essas ações. Mas a espiritualidade é tão inseparável do resto (de fato o que poderia ser considerado "o resto"? Risos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho argumenta que as práticas de tatuagem estão relacionadas com aspectos específicos da vida de cada um dos participantes com quem se pesquisou, tendo múltiplos sentidos e sendo reconfigurado por cada uma delas. Também, para que se possa ser um tatuador, precisa-se de um conjunto de conhecimentos que envolve mais do que a técnica do desenho, e sim um conhecimento do maquinário e dos instrumentos da tatuagem, conhecimento sobre os processos do corpo, além de um senso estético de posicionamento sobre o corpo e uma técnica de desenho sobre a pele em específico, esse aprendizado perpassa o corpo do tatuador e sua síntese compõe não apenas a tatuagem mas o evento dela, o momento em que ocorre. Esses conhecimentos compõem o resultado final da tatuagem que passa a fazer parte do corpo e a narrativa pessoal de um outro.

O aprendizado corporal do tatuador “se transfere” para o corpo de outra pessoa e este adquire novas configurações estéticas e sociais, esses são fatores que podem vir a ser centrais nas formas de sociabilidade e nos projetos de vidas de algumas pessoas (PEREZ,2003) . Quando essa pessoa se tatua ela não apenas está construindo um corpo, mas está produzindo uma experiência e uma definição própria do que é a tatuagem. Nessa narrativa que é composta através da pele a presença de outros corpos se faz presente. No entendimento da tatuagem, no contexto estudado, muitos corpos se fazem presentes para iniciar essa pesquisa que ainda tem muito caminho á sua frente. Uma tatuagem não configura somente um desenho na pele, mas configura uma experiência compartilhada entre pessoas e corpos, que organizam ou “continuam” a produção de um corpo. Este trabalho buscou abordar alguns dos aspectos que compõem uma perspectiva antropológica da tatuagem de acordo com pessoas que se tatuam, ou que tatuam alguém, que além de comporem o corpo estão compondo também o social da tatuagem.

Outras maneiras que acredito serem proveitosas para a reflexão acerca do tema seriam: aprofundar mais sobre outras práticas como a escarificação e a suspensão; Uso de material audiovisual com valor para a produção do trabalho e acredito que um estudo sonoro e visual dos ambientes em que ocorrem tatuagens traria grandes contribuições. Pensar o que é a arte e como pode estar em relação

com as práticas de tatuagem já que está tão presente no discurso das pessoas que se tatuam também me parece um caminho produtivo a se tomar. Acredito que uma análise das tatuagens e das narrativas e histórias que contam sobre elas fornecem um rico material para pensar as noções de corporalidade , e esse foi um dos aspectos que me surpreendeu durante a pesquisa. Tanto que desenvolvi um projeto de mestrado sobre esta ideia.

Por fim, acredito que este trabalho alcança o que se propôs no capítulo introdutório e fornece informações interessantes e abertas a questionamentos e novos caminhos. Ainda há muitas formas de pensar essas práticas e há muitos a ser entendido sobre elas.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: _____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 27-51.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007. Número de páginas: 556.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

CSORDAS, Thomas. 2002. "A corporeidade como um paradigma para a antropologia". In: **Corpo, Significado, Cura**. Porto Alegre: UFRGS Editora

FOUCAULT, M. (1978). **The history of sexuality, vol. 1**. The will to knowledge. London, Penguin.

FOUCAULT, M. (2000). The risks of security. Power: **Michel Foucault: The Essential Works 1954-1984**. New York, New Press: 365-381. FOUCAULT, M. (2002). Society must be defended: lectures at the Collège de France, 1975-76. New York, Picador.

FOUCAULT, M., P. Rabinow, et al. (2003). **The essential Foucault: selections from essential works of Foucault, 1954-1984**. New York; London, New Press.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. **Estigma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOLDMAN, Márcio. 1996. "Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa." **Revista de Antropologia** 39(1):

GROISMAN, A. **Comunicação por e-mail**, 2017

HARTMANN, Luciana et al. A Memória na Pele:: performances narrativas de contadores de "causos". **ILHA - Revista de Antropologia**, UFSC, v. 9, p. 215-245, jan. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/6934>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

LATOUR, Bruno. Primeira fonte de incerteza: não há grupos, apenas formação de grupos. In.: **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA, EDUSC, 2012

LATOUR, Bruno. 2008. "Como falar do corpo? A dimensão normativa dos escusos sobre a ciência." In João A. Nunes e Ricardo Roque (orgs). **Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Porto, Portugal: Ed. Afrontamentos. pp.

MALUF, Sônia W. 2001. "Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas". **Esboços**. vol. 9(9): 87-101.

MAUSS, Marcel. 1974. "Uma categoria do espírito humano: a noção de Pessoa, a noção do 'Eu'." **Sociologia e Antropologia** 1: 207-241. MAUSS, Marcel. 1974 "As Técnicas Corporais" In **Sociologia e Antropologia** Vol. II, São Paulo, E.P.U./E.D.U.S.P.

MAUSS, Marcel 1974 "As Técnicas Corporais" In **Sociologia e Antropologia** Vol. II, São Paulo, E.P.U./E.D.U.S.P.

MAUSS, Marcel 1938 "A Category of the Human Mind: The Notion of Person; the Notion of Self." Translated by W.D. Halls. In **The Category of the Person:**

Anthropology, Philosophy, History, edited by Michael Carrithers, Steven Collins, and Steven Lukes, 1–25. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1985.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo: Diálogos sobre Corpografia e Etnografia. **Ponto Urbe Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, USP, p. 1 -12, jan. 2016. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/3316>>.

ORTNER, S. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. in **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Org: Grossi M. P.; Eckert C.; Fry P. H. – Goiania: Nova Letra, 2006

PEREZ F., Andréa Lissett. TATUAR E SER TATUADO, “Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”, Estúdio: Experience Art Tattoo – Florianópolis – Sc – Brasil. 2003, ..f. **Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social)** – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

RABINOW P, Rose N. **O conceito de biopoder hoje. Política & Trabalho**. Revista de Ciências Sociais 2006.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Coordenação editorial: Florencia Ferrari. Tradução: Iracema Dullei, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WALDSTEIN, Anna . Studying the Body in Rastafari Rituals: Spirituality, Embodiment and Ethnographic Knowledge. **Journal for the Study of Religious Experience, University Of Kent**, p. 71-86, jan. 2016. Disponível em: <<http://rerc-journal.tsd.ac.uk/index.php/religiousexp>>. Acesso em: 02 ago. 2017